

# ECOS

## RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

### Proteção dinâmica

texto LIANA JOHN e fotos AGUINALDO MATOS



Nas várzeas dos rios de planícies, em tempos de cheia, os lagos temporários perdem seus contornos e misturam suas águas tranqüilas com as agitadas do leito principal. É tempo de o lago 'respirar' melhor, com a nova carga de oxigênio que vem com as águas correntes. É tempo também de renovação dos nutrientes dissolvidos, base da cadeia alimentar que se estabelece dentro d'água — com algas, larvas de insetos ou peixes —, e se estende pelas campinaranas e florestas das margens — onde vivem aves, mamíferos, répteis, predadores e predadores dos predadores.

A abertura das bocas dos lagos ainda é o sinal para os jovens peixes — até então abrigados — 'ganharem o mundo' ao ritmo da enchente. Eles passam a uma nova fase de vida, na qual precisam 'se virar' por conta própria no rio, tentando evitar as estratégias de predadores de todas as espécies — peixes maiores, botos, lontras, ariranhas, homens — sempre à espreita dentro d'água, nos barrancos, nas árvores próximas ou em barcos.

Os lagos temporários não estão totalmente livres de predadores, claro. Porém têm menos áreas para os peixes grandes circularem e mais esconderijos para os pequenos: plantas aquáticas, trechos rasos,

troncos caídos, pedras, reentrâncias e buracos. Mesmo para escapar às aves, freqüentadoras assíduas dos lagos, os filhotes de peixes encontram refúgio. Sem contar as vantagens de viver num ambiente menos hostil, sem correntezas e corredeiras. Por isso, os lagos temporários funcionam como grandes berçários entre as vazantes e as cheias.

Mas, se os lagos estão na origem de muitas espécies, o que está na origem dos lagos? Falhas e fraturas de terrenos não explicam a profusão de espelhos d'água sazonais ao longo das várzeas especialmente amplas da Bacia Amazônica e do Pantanal, onde predominam paisagens sedimentares dos períodos Terciário e Quaternário. Embora alguns deles eventualmente tenham limites demarcados por afloramentos de rochas, a grande maioria é desenhada ao acaso, ano a ano, pela dificuldade de escoamento das águas em terras planas. Vale lembrar que boa parte da Amazônia e do Pantanal fica a menos de 150 metros acima do nível do mar. E há mesmo depressões extensas com nível inferior ao do mar!

Assim, uma curva preguiçosa de rio, esticada por uma cheia um pouco mais alta, pode 'empoçar' num pedaço de terreno mais baixo e ali ficar, perdendo a conexão com o leito principal do rio na vazante, em um dos lados. Depois, aos poucos, com a sedimentação das passagens, o meandro abandonado vira realmente um lago temporário, que chega a permanecer alguns meses isolado do leito principal. E se o processo de sedimentação prossegue, com o tempo, o lago temporário pode até se converter num lago permanente. Até outra enchente extraordinária recolocar aquele braço de rio 'na ativa' e assim por diante...

Tal dinâmica parece caótica e de difícil adaptação para plantas e animais. Mas o fato é que o ritmo das águas favorece a riqueza da vida ao invés de restringi-la. Águas paradas e pouco oxigenadas, sempre contidas nos mesmos limites, estas sim, deixam muitas espécies desprotegidas nas grandes várzeas brasileiras!